

OS FARSANTES



Maria Lúcia Viana

Mestre em Linguística pela PUC-RS.

Professora universitária de Francês.

Membro do Núcleo de Estudos sobre Madame de Staël e o Romantismo, da UFJF.

marialucia.viana@gmail.com

O título, tomei-o de um livro de Graham Greene (1904-1991), escritor inglês. Li-o quando era bem jovem e fiquei impressionada. Anos depois o vi na tela, com Peter Ustinov e Elizabeth Taylor. Não me lembro bem do enredo, mas trata-se da vida tumultuada de alguns americanos, comerciantes e diplomatas, que vivem no Haiti. Mas, se esqueci detalhes do enredo, ficou-me na lembrança, desde a leitura do livro, a imagem do país miserável, governado por um ditador sanguinário – será que há algum que não seja? – e sua polícia política, formada pelos “Tontons macoutes”, cuja crueldade deixou-me pasma. E olhem que eu também vivia sob uma ditadura! O ditador chamava-se François Duvalier, “carinhosamente” chamado de Papa Doc. Aliás, Stalin também era chamado de “paizinho”.

No seu magnífico livro *Uma gota de sangue – história do pensamento racial* (São Paulo: Editora Contexto, 2009), Demétrio Magnoli conta as origens do Haiti, que surgiu da maior de todas as revoltas de escravos. Teve como líder um certo François-Dominique Toussaint Louverture, nome que vi na fachada semi destruída do prédio do aeroporto de Porto Príncipe. Toussaint, de escravo analfabeto, tornou-se homem instruído, ávido leitor dos Iluministas. Em 1801, convocou uma Assembléia Constitucional que proclamava a “igualdade entre os homens e proibia distinções derivadas da cor da pele”. Dizia o artigo 5º

da Constituição: “Nenhuma outra distinção existe senão aquelas de virtudes e talentos, nem qualquer superioridade senão a garantida pela lei no exercício de um cargo público”. Concluindo que: “A lei é a mesma para todos, quer ela puna ou proteja”. Seu governo durou menos de um ano e, por desgostar a Napoleão, foi vencido pelas tropas francesas e levado para França, onde maus tratos o levaram à morte por pneumonia. Outro general tomou o poder no Haiti, Dessalines, que derrotou as tropas francesas. “O Haiti tornou-se a segunda nação soberana nas Américas, e a única no mundo emanada de uma revolução de escravos”. Dessalines determinava no artigo 14 da Constituição que “os haitianos devem ser, de agora em diante, designados pelo nome genérico de negros”. Tornou-se Imperador, mas foi assassinado algum tempo depois. E desde então o Haiti tornou-se uma sucessão de tiranias, até desembocar, em 1957, em *Papa Doc* (François Duvalier – 1907-1971). Médico, cujo “reinado” durou quatorze anos, e só teve fim com sua morte. Foi sucedido por seu filho Baby Doc, cujo perfil moral é o mesmo do pai. Sua ditadura teve fim em 1985, e, tendo sido generosamente acolhido pela França, desfruta, ou desfrutou – dizem que está falido - das delícias de uma mansão perto de Cannes.



O ditador haitiano François Duvalier (1907-1971), chamado de “Papa Doc”, que governou o seu país com mão de ferro entre 1957 e 1971.

No Haiti reinaram dezenas de tiranos, que empobreceram cada vez mais a população, enriquecendo-se eles próprios, bem como a elite corrupta que os seguia. Rafael Leonidas Trujillo (1891-1961) fez o mesmo na vizinha República Dominicana. Acumulou imensa fortuna à custa da miséria de seu povo, e governou o país como sua fazenda particular entre 1930 e 1961. Era tão ordinário que dele dizia certo secretário de Estado americano: “É um filho-da-puta, mas é nosso filho-da-puta”. Assassinado em 1961, os seus assassinos foram cruelmente perseguidos, assim como suas famílias. Esta figura inspirou a Vargas Llosa um magnífico livro, *La fiesta del chivo (A Festa do Bode* – Tradução de

Wadir Dupont, São Paulo: Mandarim, 2000). Sucedeu-o seu filho Ramfis, assassino nato, que cometeu crueldades que se comparam às dos nazistas. Nadando na roubalheira, entre um assassinato e outro, especializou-se em comprar mundanas, que também eram atrizes como Kim Novak, Zsa Zsa Gabor, e muitas outras. Não sei quando foi apeado do poder, mas já morreu há muitos anos. E também havia Anastácio Somoza, ditador da Nicarágua, assassinado no Paraguai pelos Montoneros, com tiros de bazuca, nos anos oitenta.

Papa doc, Baby Doc, Rafael Trujillo, Ramfis, Somoza, e tantos outros, são produto do patrimonialismo, que confunde o público com o privado – fenômeno que nós brasileiros conhecemos bem – e da Guerra fria. Guerra fria, que, como todas as guerras, não coloca nenhum princípio moral, o que deixou claro aquele secretário de Estado americano ao referir-se a Trujillo. E é preciso que a gente não se esqueça que do outro lado também valia tudo.



O ex-marine Rafael Leonidas Trujillo Molina (alinhado de “o bode”), que exerceu o poder na República Dominicana, com mão de ferro, entre 1930 e 1961, e que inspirou a Vargas Llosa no seu romance *A festa do bode* (2000).

Na América Latina sempre fomos vítimas de ditadores. Há uma extensa literatura que fala deles, na Venezuela, no Equador, na Argentina, na Bolívia. No Brasil, vivemos vinte anos sob uma ditadura, mas nossos pais já haviam amargado outra, a do Estado Novo. Hoje, passados tantos anos, quando pensávamos nos ver livres de qualquer ditadura, seja de direita ou esquerda, vemos surgir um AI6, aquele dos “Direitos humanos”, deparamo-nos com autoritários de carne e osso como um Chavez, um Correa, um Morales, e para substituir Somoza, um Ortega, que de tão insignificante pensei que havia morrido. E não podemos esquecer de Zelaya, candidato a filhote de Chavez, gentilmente abrigado em nossa embaixada, que virou uma espécie de cortiço. Vemos assassinos serem considerados heróis, e por gente de um governo que se diz democrático [“Afiml, diz Tarso Genro – Ministro da

Justiça – ele (Battisti) matou por uma causa!” Mas, então, Bin Laden também mata por uma causa!]. O que queremos hoje é que não exista mais gente miserável como os haitianos, que haja democracia, liberdade, que cada um seja respeitado como ser humano.

E que, ainda que vítimas de uma catástrofe natural, os haitianos, assim como todos os outros povos do mundo, nunca mais sejam vítimas dos tiranos, que os fizeram permanecer nas trevas da ignorância, tornando-os mais e mais miseráveis. Que gente como Papa Doc e Trujillo, sempre imundos e corruptos, e também os candidatos a sê-lo, sejam definitivamente varridos da História da Humanidade, e que essa **raça cósmica** que forma o gênero humano possa ser feliz neste espaço de tempo que temos por aqui, e que chamamos de VIDA.

Dádiva de Deus.

www.defesa.ufjf.br
Universidade Federal de Juiz de Fora

